



A CRISE das bandas de música. O Estado de São Paulo, São Paulo, 22
nov. 1974.

A crise ²²
das bandas ¹¹
de música ^{O Estado 74}

A passagem, hoje, do "Dia da Música", na data da festa de Santa Cecília, padroeira da dita arte, leva-nos a algumas considerações sobre a crise que atravessam as nossas corporações musicais, a ponto de já terem desaparecido em muitas cidades. Conviria antes recordar que no século XVI a Academia de Musica de Roma fez de Santa Cecília sua padroeira, originando-se daí, no universo cristão, ligar-se o seu culto ao patrocínio das artes musicais, inclusive das bandas.

Manuel Quirino, que foi o grande estudioso das tradições da Bahia, conta que em 1765 fundou-se em Salvador a Confraria de Santa Cecília, uma espécie de corporação de ofício, à qual deveria pertencer "toda a pessoa que quiser exercitar a profissão de músico, seja cantor ou instrumentista". Irmandade que existiu até o último quartel do século passado e hoje é sucedida pela Ordem dos Músicos.

Mesmo assim, talvez muito preocupada, com outras entidades congêneres, em arrecadar os direitos autorais dos cantores em voga, dos astros de auditório, nada tem feito pela preservação das nossas corporações musicais. Como quase nada tem feito os poderes públicos, salvo uma ou outra Prefeitura, justamente preocupadas em assegurar a sobrevivência de bandas que já foram verdadeiras escolas de musicistas. Entre eles Carlos Gomes.

A crise das bandas de música data dos anos 40 ou 50. Pode ser atribuída, mais do que ao cinema, ao rádio, ou ao advento da televisão, aos amplificadores de som, que de certa forma as substituíram nas manifestações coletivas e até nos circos.

A mudança de costumes na vida interiorana, onde por falta de motivação quase ninguém mais se reúne ao redor dos coretos (ao contrário do que ocorre em São Paulo, todos os domingos, na Praça da República), e a morte dos velhos maestros e compositores, como, há mais de ano, o venerando Pedro da Cruz Salgado, autor de cerca de quatro mil peças para banda, contribuíram para agravar uma situação que se vai tornando insustentável.

Só as corporações militares se eximem das dificuldades. O surto das fanfarras colegiais não preenche, apesar de seu alacre colorido, o prejuízo considerável para a formação musical do nosso povo e o culto de suas tradições religiosas e civis representado pelo paulatino desaparecimento das bandas — "furiosas" na linguagem popular. Corporações tradicionalmente rivais estão se fundindo em várias cidades, para que lhes reste ao menos uma banda, enquanto outras arrastam o peso dos anos, sem a necessária renovação.

Mas devemos continuar acreditando na vitalidade das bandas de música, no atrativo que exercem sobre jovens e velhos e que Chico Buarque fixou em A Banda. Basta que se lhes estenda a mão.